



20 DE OUTUBRO DE 2015

Terça-feira

- BANCÁRIOS EM GREVE SE REÚNEM NESTA TERÇA (20) PARA NEGOCIAR COM BANCOS, AFIRMA SINDICATO
- NO 14.º DIA DE GREVE DOS BANCÁRIOS, AGÊNCIAS DA CAIXA NÃO REALIZAM DEPÓSITOS
- PLANO DE PROTEÇÃO AO EMPREGO EVITA APENAS 7% DAS DEMISSÕES
- FUNCIONÁRIOS DA VOLKS NO PARANÁ APROVAM REDUÇÃO DA JORNADA E DOS SALÁRIOS
- FALTA DE CONFIANÇA DA INDÚSTRIA EM OUTUBRO É A MAIOR DESDE 1999, DIZ CNI
- DILMA DIZ NA SUÉCIA QUE MERCOSUL ESTÁ PRONTO PARA APRESENTAR OFERTA À UNIÃO EUROPEIA
- VOLKS FEZ VÁRIAS VERSÕES DA FRAUDE PARA SEUS MOTORES
- GERDAU COLOCA ESPANHOLA SIDENOR À VENDA, SEGUNDO JORNAIS
- MONTADORAS ASIÁTICAS AVANÇAM NA CRISE
- EMPREGO NA INDÚSTRIA CAI 0,8% EM AGOSTO, OITAVO RESULTADO NEGATIVO SEGUIDO
- VENDAS DO GRUPO VW CRESCEM 23,9% EM SETEMBRO
- CONSÓRCIOS RANDON CRESCEM 16% ATÉ SETEMBRO
- PRODUÇÃO DE MINÉRIO DE FERRO DA VALE CRESCE 2,9% NO 3º TRI E ATINGE RECORDE
- PRODUÇÃO BRASILEIRA DE AÇO BRUTO CAI 13% EM SETEMBRO, DIZ IABR
- COBRE RECUA EM LONDRES E NY, NOVAMENTE PRESSIONADO POR TEMORES COM

CHINA

- EXPORTAÇÕES TÊM MÉDIA DIÁRIA DE US\$ 733,0 MILHÕES NA 3ª SEMANA DE OUTUBRO
- PRODUÇÃO DE AÇO DO JAPÃO CAI PELO 13º MÊS CONSECUTIVO
- LEILÃO DE LINHAS DE TRANSMISSÃO DE ENERGIA É ADIADO PARA 18/11, DIZ ANEEL
- MPEs E MEIs REPRESENTAM 63% DOS CLIENTES DE ESCRITÓRIOS CONTÁBEIS NO BRASIL
- HONDA FAZ RECALL PARA MOTO GL 1800 GOLD WING
- 'ACABARAM AS SOLUÇÕES FÁCEIS PARA A ECONOMIA', DIZ ZYLBERSTAJN
- NOVA LINHA ENTRA EM OPERAÇÃO EM 2016
- CONEXÃO CHINA/BRASIL É A MAIOR AMEAÇA GLOBAL, DIZ ANALISTA
- PERCEPÇÃO DE EMPRESÁRIOS SOBRE ESTOQUES MELHORA EM OUTUBRO
- GOVERNO TENTA SAÍDA PARA DESTRAVAR MINERAÇÃO
- AUTO SUECO VENDE 2,9 MIL CONTRATOS DE MANUTENÇÃO EM SÃO PAULO
- RIO TINTO EMBARCA MAIS MINÉRIO DE FERRO APESAR DE RISCOS
- DIVISÃO DE NÍQUEL TEVE QUEDA DE 0,7%
- ATIVIDADE ECONÔMICA DO BRASIL AFETA PRODUÇÃO DE AÇO
- PARA O EMPRESÁRIO ABÍLIO DINIZ, SOLUÇÃO PARA A CRISE BRASILEIRA É POLÍTICA
- APESAR DA CRISE, MONTADORA SOBE PREÇO
- ALTO CRESCIMENTO OCORRE ENTRE 1% DE EMPRESAS DO PAÍS
- PRODUÇÃO MUNDIAL DE ALUMÍNIO CAI EM SETEMBRO, A 4,78 MILHÕES DE TONELADAS
- MINÉRIO DE FERRO RENOVA MÍNIMA DE QUASE 3 MESES NO MERCADO DA CHINA

CÂMBIO EM 20/10/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,872	3,872
Euro	4,391	4,393

Fonte: BACEN

Bancários em greve se reúnem nesta terça (20) para negociar com bancos, afirma sindicato

20/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



O Comando Nacional dos Bancários se reunirá na tarde desta terça-feira (20) em São Paulo para a primeira rodada de negociações com a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) desde o início da greve, no dia 6 de outubro.

O anúncio foi feito na noite desta segunda pelo Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região. No Paraná, são mais de 19,3 mil funcionários parados e 763 agências fechadas, conforme a entidade de classe.

Os trabalhadores pedem um reajuste salarial de 16% (reposição da inflação mais 5,7% de aumento real). Já os bancos ofereceram 5,5% de aumento, mais abono de R\$ 2,5 mil.

14 dias

A greve dos trabalhadores chegou ao seu 14.º dia nesta segunda, 19, com mais de 19,3 mil funcionários parados e 763 agências fechadas em todo o Paraná, conforme a entidade.

Em Curitiba, a paralisação afeta 14 mil bancários, 311 agências e 11 centros administrativos. De acordo com o comunicado, a Fenaban enviou um e-mail ao Comando Nacional dos Bancários para a realização do encontro, em São Paulo.

Na mesma nota, o presidente do sindicato, Elias Jordão, declarou que “nossa disposição é total para a negociação com os bancos. Contudo, a greve ainda não acabou e vai se manter forte até que tenhamos uma proposta decente.”

No 14.º dia de greve dos bancários, agências da Caixa não realizam depósitos

20/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A greve nacional dos bancários, que chegou ao seu 14º dia nesta segunda-feira, 19, afeta os depósitos em algumas agências da Caixa em Curitiba. Nos locais visitados no Centro da cidade durante a tarde, em nenhuma delas era possível realizar a operação, apesar de possuírem envelopes.

Em uma delas, localizada na Av. Marechal Floriano Peixoto, as atendentes informaram que a função foi desativada nos caixas eletrônicos devido à falta de funcionários para fazer o recolhimento do dinheiro e dos cheques.

Na agência que fica na Travessa da Lapa, um cartaz colado na porta avisava os clientes que devido à paralisação, os depósitos não são efetuados. A operação pode ser feita apenas nas casas lotéricas.

Outros bancos

Nos demais bancos visitados, porém, a operação é realizada normalmente. Em uma agência do Banco do Brasil, na Av. Marechal Deodoro, as servidoras afirmaram que a reposição dos envelopes é diária, mas que por causa da greve o dinheiro pode levar alguns dias a mais para cair na conta. No Bradesco, HSBC e Santander, os depósitos funcionam normalmente.

Saldo da greve

Segundo o Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região, mais de 14 mil bancários estão com os braços cruzados, o que corresponde a 311 agências e 11 centros administrativos.

No Estado, a greve afeta mais de 19,3 mil funcionários e 763 agências, conforme a Federação dos Trabalhadores do Paraná ligada à CUT (Fetec-CUT), que responde por cerca de 80% dos servidores paranaenses. De acordo com o sindicato, os estabelecimentos têm ao menos dois funcionários para auxiliar os clientes.

Reivindicações

A categoria pede um reajuste salarial de 16%, enquanto que a Federação dos Bancos (Fenaban) oferece 5,5% -- índice abaixo da inflação --, mais abono de R\$ 2.500, que não será incorporado ao salário.

Plano de proteção ao emprego evita apenas 7% das demissões

20/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

O Programa de Proteção ao Emprego (PPE) do governo federal já "salvou" 18,7 mil empregos em 12 companhias, a maioria das indústrias metalúrgica e automotiva. Outras 34 empresas têm pedidos de adesão em análise no Ministério do Trabalho, e nesta segunda-feira (19) os funcionários da fábrica paranaense da Volkswagen aprovaram a proposta da montadora de participar do programa.

Apesar da importância das vagas que foram preservadas mediante a redução da jornada de trabalho e dos salários, o resultado da iniciativa até agora foi bastante discreto em meio ao rápido avanço do desemprego no país.

Desde o anúncio do programa, em julho, o país fechou 243,6 mil postos de trabalho formais, segundo os dados mais recentes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), atualizados até agosto. Supondo-se que, sem o PPE, mais 18,7

mil pessoas teriam sido dispensadas, o total de cortes passaria de 262 mil. Dessa forma, o programa do governo evitou apenas 7% das demissões do período.

A própria meta anunciada no lançamento do PPE, de beneficiar 50 mil trabalhadores em seis meses, é pouco ambiciosa se confrontada com o número de pessoas que perderam emprego neste ano. De janeiro a agosto, quase 573 mil vagas com carteira assinada foram extintas no país.

“O PPE foi uma tentativa que eu considero válida. Mas a dimensão do problema é muito maior que o PPE”, avalia João Saboia, professor emérito do Instituto de Economia da UFRJ. “O ambiente está tão negativo que acho pouco provável termos uma recuperação no mercado de trabalho neste ano. E mesmo para 2016 é difícil saber o que esperar.”

Além do baixo alcance do programa oficial, a maior parte dos casos de redução de jornada e salários está ocorrendo fora do âmbito do PPE. Segundo levantamento feito pela plataforma salarios.org.br na base de dados do Ministério do Trabalho, do início do ano até a última quinta-feira (15) houve 134 acordos “convencionais” de corte na carga horária e na remuneração dos funcionários, seguindo as regras da Lei 4.923, de 1965. Em todo o ano de 2014, houve apenas quatro acordos desse tipo.

Enquanto o PPE permite a redução da jornada e dos salários em até 30% por até seis meses, prorrogáveis por mais seis, pela Lei 4.923 o corte é de no máximo 25% por três meses, também prorrogáveis.

Outra diferença é que, no PPE, o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) cobre até metade da perda salarial dos trabalhadores. Assim, quem teve a carga de trabalho reduzida em 30% sofre uma queda menor na remuneração, de 15%.

Os 134 acordos detectados pela salarios.org.br resultaram em uma queda média de 15,8% no salário dos trabalhadores – o número de profissionais envolvidos não pôde ser estimado.

Para o coordenador da plataforma, o economista Hélio Zylberstajn, apesar de mais empresas estarem recorrendo a essa ferramenta em 2015, o número de contratos ainda é pequeno dentro do universo de 50 mil acordos salariais fechados todos os anos no país.

No PARANÁ

Outras 2 empresas do estado, uma da construção civil e outra do setor agrícola, fecharam acordo para reduzir salário e carga horária em 2015, segundo o salarios.org.br. Em ambas, o corte foi de 18,2%, o equivalente a uma redução de oito horas em uma jornada semanal de 44. Nenhum desses contratos foi firmado no âmbito do PPE.

Regras do programa dificultam adesão, dizem especialistas

Especialistas em mercado de trabalho acreditam que a baixa adesão ao Programa de Proteção ao Emprego se deve, em parte, às regras do programa, consideradas restritivas.

João Saboia, professor emérito do Instituto de Economia da UFRJ, observa que o PPE tem uma exigência de estabilidade que vai além da duração do programa. O empregador que reduzir jornada e salários por seis meses se compromete a não demitir por oito meses. “Em um cenário de tantas incertezas, é um período relativamente longo”, avalia.

A definição de “empresa em dificuldade” também dificulta o acesso. Para aderir, a companhia precisa ter demitido nos últimos 12 meses, ou elevado o quadro de pessoal em no máximo 1%. “Se a empresa havia contratado mais gente antes, não pode participar.

Dá a sensação de que a medida foi dirigida aos grupos que já estavam demitindo”, diz o coordenador da plataforma salarios.org.br, Hélio Zylberstajn, que é professor de Economia da USP e pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).

Acordo coletivo

Outro obstáculo, segundo ele, é a exigência de acordo coletivo, celebrado entre a empresa e o sindicato dos trabalhadores – o que afasta empresas menores, que não costumam fazer esse tipo de negociação e em geral seguem o que é acertado pelo sindicato patronal.

“Empresas com cinco a 100 empregados estão demitindo tanto quanto as empresas de grande porte, com mais de mil funcionários. As menores é que precisariam entrar no PPE, mas não têm essa tradição de negociar nem um departamento jurídico bem estruturado”, diz Zylberstajn.

Para ele, o PPE poderia ter mais sucesso se permitisse a adesão via convenção coletiva. Assim, o acordo seria feito entre os sindicatos patronal e dos trabalhadores, e cada empresa daquele ramo optaria por participar ou não.

Funcionários da Volks no Paraná aprovam redução da jornada e dos salários

20/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



A Volkswagen é a primeira empresa do Paraná a aderir ao Programa de Proteção ao Emprego (PPE), iniciativa do governo federal que permite a redução da jornada de trabalho e dos salários em companhias em dificuldades. Os funcionários da fábrica de São José dos Pinhais (Região Metropolitana de Curitiba) aprovaram, na tarde desta segunda-feira (19), a proposta negociada entre a montadora e o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC).

A carga horária será reduzida em 20% e a remuneração dos trabalhadores, em 10% – o salário cai menos porque receberá subsídios do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

Segundo o secretário-geral do SMC, Jamil Dávila, a maioria dos 3,5 mil funcionários da fábrica participaram da assembleia, na entrada da fábrica. Ele calcula que aproximadamente 90% deles tenham votado a favor da proposta. “A aprovação foi maciça”, diz.

O número de funcionários que terá jornada e salários reduzidos ainda não foi definido. Mas, segundo Dávila, apenas os trabalhadores com jornada de trabalho especial – bombeiros, por exemplo – devem ficar de fora do PPE.

A ideia da montadora é reduzir a jornada por um período de seis meses, prorrogáveis por mais seis, a partir de 1.º de novembro, mas sua adesão ao PPE ainda terá de ser homologada pelo Ministério do Trabalho.

Demissões voluntárias

Válido por dois anos, o pacote aprovado nesta segunda inclui o lançamento de um plano de demissões voluntárias (PDV), que aceitará adesões até 15 de novembro, pelo qual os participantes receberão de cinco a dez salários de bonificação, conforme o tempo de casa. A montadora também poderá recorrer novamente à suspensão temporária dos contratos de trabalho (layoff), modalidade que ela tem usado desde fevereiro de 2014.

A proposta define, ainda, os reajustes salariais de 2015 e 2016. Nos dois anos, os trabalhadores receberão a reposição da inflação medida pelo INPC, sem aumento real. O reajuste deste ano, de 9,88%, será pago no início de novembro, com valores retroativos a setembro.

Também ficou acertado que a primeira parcela do décimo-terceiro salário de 2016 e 2017 será paga na última sexta-feira antes do carnaval.

A participação nos lucros e resultados (PLR) neste ano será de pelo menos R\$ 13.376,40, se a fábrica produzir até 188,4 mil veículos, podendo chegar a R\$ 16.259, caso a produção atinja a marca de 229 mil veículos ou mais. As mesmas condições valem para 2016, com valores reajustados pelo INPC.

Posicionamento

E nota encaminhada a imprensa, a Volks afirmou que "vê de forma positiva a aprovação do novo Acordo Coletivo por seus empregados para a fábrica de São José dos Pinhais."

No comunicado oficial, a empresa fez que o "resultado estabelece condições para a adequação necessária da estrutura de custos e efetivo da unidade. O acordo contempla mecanismos de adequação de efetivo por meio de Programa Voluntário, a solicitação de adesão ao Programa de Proteção ao Emprego (PPE), além de ferramentas de flexibilidade e medidas de adequação de custos de pessoal, proporcionando um ambiente de maior tranquilidade e planejamento a todos, fortalecendo as bases de um futuro sustentável para a Unidade de São José dos Pinhais."

Falta de confiança da indústria em outubro é a maior desde 1999, diz CNI

20/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

Acentuando a curva de pessimismo que se abateu sobre a indústria nacional, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei) caiu mais 0,7 ponto em outubro e cavou mais fundo o piso da série histórica do indicador.

De acordo com os dados divulgados nesta segunda-feira (19) pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), a queda de 2,1 pontos nos últimos dois meses ampliou o recorde negativo do índice, elaborado pela entidade desde 1999.

Em uma escala na qual valores abaixo dos 50 pontos significam falta de confiança, o Icei chegou a 35 pontos em outubro. Esse patamar é 10,8 pontos inferior ao registrado no mesmo mês do ano passado, o que mostra a deterioração das expectativas dos empresários do setor desde o fim do período eleitoral de 2014.

Para se ter uma ideia do quanto o nível atual do indicador é ruim, o resultado de outubro está 20,4 pontos abaixo de sua média histórica. Ou seja, nos últimos 16 anos, a indústria sempre esteve mais otimista que pessimista, com uma média de 55,4 pontos.

Porte

O pessimismo é maior entre as médias empresas. Olhando apenas as indústrias desse porte, o indicador caiu de 35,1 pontos em setembro para 34 pontos em outubro. Entre as pequenas, o Iicei recuou de 35,5 pontos para 34,5 pontos. Já as maiores companhias apresentaram uma queda de 36,2 pontos para 35,7 pontos na mesma comparação.

O indicador da CNI é composto por duas variáveis: a avaliação sobre as condições atuais da indústria e a expectativa do empresariado para os próximos meses. O resultado de outubro mostra que o que mais pesa no pessimismo do setor é a situação atual do ambiente de negócios, cujo resultado ficou em apenas 26,5 pontos, muito distante da linha divisória dos 50 pontos.

Desmembrando novamente esse índice, a pesquisa mostra 31,2 pontos na avaliação atual sobre a própria empresa e irrisórios 17,3 pontos na análise sobre a economia nacional.

Expectativa

Já a variável que mede as expectativas para os próximos meses também recuou, pelo quarto mês seguido, e chegou a 39,3 pontos. Nesse período, a queda acumulada foi de 4,3 pontos.

Abrindo mais uma vez esse dado, as perspectivas para a própria empresa registraram 44,5 pontos, enquanto as expectativas para a economia como um todo alcançaram somente 29,2 pontos.

A CNI ouviu 3.097 empresas nos primeiros 15 dias de outubro, sendo 1.223 de pequeno porte, 1.159 médias e 715 grandes indústrias.

Dilma diz na Suécia que Mercosul está pronto para apresentar oferta à União Europeia

20/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



A presidente Dilma Rousseff afirmou nesta segunda-feira (19), em evento com empresários durante visita à Suécia, que o Mercosul está pronto para apresentar sua proposta à União Europeia para um acordo comercial entre os dois blocos, e reiterou o compromisso do governo com o ajuste fiscal.

União Europeia e Mercosul negociam há vários anos um acordo de livre-comércio entre os blocos, que se tornou ainda mais importante para as respectivas economias em virtude da assinatura neste mês de um acordo comercial entre os Estados Unidos e mais 11 países da costa do Pacífico, a chamada Parceria Transpacífico (TPP).

“O Mercosul está preparado para apresentar sua oferta comercial à União Europeia e, a partir daí, estabelecer um acordo comercial ambicioso e extremamente vantajoso para ambas as partes”, disse Dilma em discurso na cerimônia de abertura de seminário empresarial Brasil-Suécia, em Estocolmo.

“Este acordo abre para a União Europeia, e em especial para a Suécia, todo o mercado da América do Sul e certamente, a partir daí, funcionará como uma plataforma para o restante do continente”, acrescentou.

A troca simultânea de ofertas entre Mercosul e União Europeia é um passo decisivo para as negociações de um acordo de livre-comércio, considerado por Dilma uma prioridade para o bloco de países sul-americanos neste ano. As partes, no entanto, ainda não definiram uma data para a apresentação das ofertas.

Ajuste

Em seu discurso no fórum empresarial, Dilma também reiterou o comprometimento do governo com a política de ajuste fiscal, reforçando que o governo vem trabalhando para garantir o equilíbrio das contas públicas.

“Nossa economia tem fundamentos sólidos e estamos trabalhando de maneira decidida para fortalecer sua saúde fiscal, retomando o equilíbrio, reduzindo a inflação, consolidando a estabilidade macroeconômica, para aumentar a confiança e garantir a retomada do crescimento”, afirmou.

No domingo, em entrevista a jornalistas em Estocolmo, a presidente afirmou que o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, permanece no cargo, após especulações de que deixaria o governo, e voltou a defender a necessidade de aprovação da CPMF pelo Congresso para que o país volte a crescer.

Volks fez várias versões da fraude para seus motores

20/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



A Volkswagen fez diversas versões do software criado para enganar testes de emissão de poluentes, disseram três pessoas próximas ao tema, potencialmente sugerindo um complexo esquema de trapagens cometido pela montadora alemã

Durante os sete anos das fraudes confessas, a Volkswagen alterou software ilegal para quatro tipos de motores, disseram as fontes, que incluem um gerente da VW com conhecimento do tema e uma autoridade norte-americana próxima à investigação.

Porta-vozes da VW na Europa e nos Estados Unidos não quiseram comentar se a empresa desenvolveu múltiplos aparelhos para fraudar os testes, afirmando que há investigações em curso tanto na empresa como por autoridades nas duas regiões.

Questionada sobre o número de pessoas que poderiam ter tido conhecimento da fraude, um porta-voz dos escritórios da companhia em Wolfsburg, Alemanha, disse: “estamos

trabalhando intensamente para investigar quem sabia o que e quando, mas ainda é muito cedo para dizer”.

Alguns especialistas da indústria e analistas disseram que a existência de diversas versões do dispositivo levanta a possibilidade de que uma série de funcionários possa estar envolvida.

Técnicos de software teriam de obter financiamento regular e conhecimento da programação dos motores, disseram.

O número de pessoas envolvidas é uma questão central para investidores, porque pode afetar o tamanho de potenciais multas e a amplitude das mudanças na administração da empresa, disse Arndt Ellinghorst, analista da consultoria Evercore ISI.

“Quando mais gente de alto escalão estiver envolvida, mais a companhia é considerada responsável e merecedora de punições mais sérias”, disse Brandon Garrett, especialista em crime corporativo da Escola de Direito da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos.

A Volkswagen admitiu em 18 de setembro ter usado um software que poderia identificar quando um veículo a diesel estava sendo testado e com isso reduzir temporariamente as emissões tóxicas de gases para conseguir passar nos testes de reguladores norte-americanos.

Gerdau coloca espanhola Sidenor à venda, segundo jornais

20/10/2015 – Fonte: Valor Econômico

A Gerdau colocou à venda a controlada Sidenor, siderúrgica adquirida pela companhia na Espanha em 2005, afirmam o jornal espanhol “El Mundo” e o francês “Le Républicain Lorrain”.

Segundo os diários, a companhia brasileira teria contratado o Santander para buscar na Europa interessados em comprar a operação que emprega 2.250 pessoas.

A origem da venda estaria nas dificuldades enfrentadas pela Gerdau por conta da crise no Brasil.

Segundo o “El Mundo”, os funcionários da companhia pediram reunião urgente com Jose Antonio Jainaga, presidente da Gerdau na Espanha.

Montadoras asiáticas avançam na crise

20/10/2015 – Fonte: CIMM

Duas décadas após desembarcarem no Brasil, as montadoras asiáticas já praticamente se igualam às tradicionais marcas americanas na preferência do consumidor brasileiro, avançam sobre as concorrentes europeias, colocam um modelo o HB20, da Hyundai entre os três carros de passeio mais vendidos do país e, na maioria delas, estão se dando melhor na crise.

De 2014 para cá, a participação dos asiáticos no agora sétimo maior mercado do mundo subiu de 22,2% para 26,9%, mesmo com os resultados ruins das montadoras chinesas e da coreana Kia Motors diante da sobretaxação a veículos importados. Ou seja, um em

cada quatro carros comercializados no Brasil sai de alguma concessionária de bandeira japonesa, coreana ou chinesa.

O avanço do bloco é puxado pela Honda, única montadora que cresce no país, com horas extras de trabalho na fábrica de Sumaré (SP) e alta superior a 17% das vendas, no embalo do lançamento, em março, do HRV, utilitário esportivo líder de seu segmento.

Hyundai e Toyota já estiveram melhor. Não imunes à recessão setorial, inverteram a curva de crescimento. Ainda assim, caem menos do que os concorrentes e, por isso, ganham espaço.

Embora o HB20, modelo de entrada da Hyundai, não tenha o mesmo impacto de três anos atrás, quando foi lançado, a montadora coreana se consolida como a quinta marca do país ao ampliar sua parcela sobre as vendas totais de 7% para 8%.

A Renault, que perdeu a quinta colocação para a Hyundai, corre também o risco de ficar atrás da Toyota, já que a distância a favor da marca francesa, hoje sexta no ranking, foi encurtada pelos japoneses para apenas 2,2 mil carros.

Lançamentos bem sucedidos em linhas menos expostas à crise como sedãs médios e utilitários esportivos, combinados à entrada, nos últimos quatro anos, da Hyundai, da Toyota e da Nissan nas gamas mais populares do mercado, dando escala a essas marcas, explicam o salto das montadoras asiáticas nos últimos anos.

De janeiro a setembro, as marcas japonesas, coreanas e, em menor volume, chinesas venderam 505,5 mil carros no Brasil, ou 9 mil a menos do que as americanas, cujo pelotão é puxado por General Motors (GM) e Ford, presentes aqui há mais de 90 anos. É uma diferença mínima, sobretudo se considerado que essa curta distância seria pulverizada não fosse a chegada da Jeep com produção local e que, até o início da década passada, quase todas as vendas estavam nas mãos de europeus ou americanos.

A maior fragmentação do mercado é fruto de um processo iniciado nos anos 90 com a instalação de fábricas de grupos franceses e japoneses - Renault-Nissan, Peugeot Citroën, Honda, Toyota e Mitsubishi - e acentuado a partir de 2012, quanto tanto a Toyota como a Hyundai começaram a montar carros populares no país.

Quase uma década de crescimento ininterrupto da demanda por automóveis fez do Brasil um destino obrigatório das grandes montadoras internacionais, em especial a partir da crise financeira de 2008/2009, quando atacar países emergentes passou a ser a saída perante às dificuldades enfrentadas em mercados desenvolvidos. O resultado disso é que, hoje, 26 marcas disputam o consumidor brasileiro com 2,8 mil modelos e versões diferentes de carros.

Até meados dos anos 90, as opções se resumiam a quatro grupos: Fiat, General Motors (GM), Volkswagen e Ford. Elas nadavam de braçada, mas, com a chegada e expansão dos negócios da concorrência, a participação de mercado das "quatro grandes" foi definindo ano a ano: dos mais de 82% em 2003, chegou a 65% no fechamento de 2014 e agora está em 59,3%.

"Essas montadoras estão na porta de entrada do mercado. Vendem a um público pressionado pelo menor poder de compra e pela dificuldade no acesso ao crédito. Elas desceram para abaixo de 60% mais rápido do que imaginava", diz David Wong, analista da consultoria AT Kearney, que apostava numa participação mais próxima de 70% do "top four" neste ano.

Donas dos maiores volumes, as empresas do pelotão de frente da indústria automobilística nacional são as que mais tem a perder com investidas de novatas. A Fiat se sustenta como a marca líder do Brasil pelo décimo quarto ano seguido, mas, por outro lado, é a que mais cede terreno em 2015.

Até setembro, a montadora italiana emplacou 173,6 mil carros a menos do que em igual período de 2014, reduzindo sua participação de 21,5% para 18,2%.

A fatia da Volks, na mesma base de comparação, cai de 17,6% para 15%, ao passo que a GM vê a participação encolher para 18,2%, comparativamente a 17,4%. Na contramão do trio que está à sua frente, a Ford saiu de 9% para 10,7% do total de carros vendidos no país, embalada pelo volume adicionado com o lançamento da nova geração do Ka, seu modelo de entrada.

Emprego na indústria cai 0,8% em agosto, oitavo resultado negativo seguido

20/10/2015 – Fonte: CIMM

O emprego industrial fechou o mês de agosto com queda de 0,8% no número de postos de trabalho, na comparação com o mês imediatamente anterior, no oitavo resultado negativo consecutivo, acumulando retração de 5,6%. Os dados foram divulgados nesta sexta-feira (16), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a retração em agosto foi 6,9%, neste caso o 47º resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o mais intenso da série histórica, que começou em janeiro de 2001.

No índice acumulado no ano de 2015, o total do pessoal ocupado na indústria recuou 5,6%. O índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 5,1% em agosto, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro de 2013 (-1,0%).

O recuo de 5,6% acumulado nos oito meses do ano reflete taxas negativas nos dezoito setores investigados.

As contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de meios de transporte (-10,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-13,1%), produtos de metal (-10,5%), máquinas e equipamentos (-7,2%), alimentos e bebidas (-2,4%), e outros produtos da indústria de transformação (-9,2%).

Os dados divulgados hoje pelo IBGE mostram ainda que houve queda de 0,9% no número de horas pagas em agosto, em relação ao mês anterior, a sexta taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 5,5%.

Na comparação com agosto do ano anterior, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria caiu 7,5%, em agosto de 2015, vigésima sétima taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto e a mais intensa desde o início da série histórica.

O índice acumulado de janeiro a agosto de 2015 recuou 6,2%, intensificando o ritmo de queda frente ao fechamento do primeiro semestre do ano (-5,8%) – ambas as comparações feitas com os mesmos períodos do ano anterior.

O índice acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -5,5% em julho para -5,8% em agosto, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro de 2013 (-1,0%).

O recuo no resultado acumulado nos oito meses de 2015 reflete números negativos nos dezoito setores pesquisados, com os impactos mais relevantes vindos dos ramos meios de transporte (-11,2%), produtos de metal (-10,8%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-12,2%), máquinas e equipamentos (-7,9%), alimentos e bebidas (-2,7%), e outros produtos da indústria de transformação (-9,9%).

O valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria recuou em agosto 1,3% frente ao mês imediatamente anterior – o segundo resultado negativo consecutivo, acumulando nesse período redução de 3,1%.

No índice desse mês, verifica-se a influência negativa da indústria de transformação (-0,9%), que aponta taxas negativas pelo oitavo mês seguido.

Na comparação com agosto do ano passado, o valor da folha de pagamento real recuou 8,4%, a 15ª taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto e a mais intensa desde maio último (-9,8%).

No índice acumulado para os oito meses de 2015, o valor da folha de pagamento da indústria caiu 6,5%, ritmo de queda mais elevado do que o observado no primeiro semestre do ano (-6,2%), ambas as comparações feitas com o mesmo período do ano anterior.

Já a taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao mostrar redução de 5,6% em agosto de 2015, apontou o resultado negativo mais intenso desde o início da série histórica e permaneceu com a trajetória descendente iniciada em janeiro de 2014.

Vendas do Grupo VW crescem 23,9% em setembro

20/10/2015 – Fonte: Automotive Business



As vendas mundiais do Grupo VW no mês de setembro somaram 885,3 mil unidades, registrando alta de 23,9% sobre agosto. No acumulado do ano a companhia atingiu 7,43 milhões de veículos, anotando queda de 1,5% em relação aos mesmos nove meses de 2014.

Na América do Sul, a venda de 439,7 mil veículos resultou em retração de 25%. No Brasil, as 308,6 mil unidades induziram a um recuo de 33,4%. Em unidades foram 146,7 mil veículos a menos que nos mesmos nove meses de 2014.

Como comparação, a redução de 5,2% nas vendas chinesas resultou em 141,8 mil veículos a menos no mesmo período. Este que é o maior mercado do grupo totalizou até setembro 2,88 milhões de veículos.

No continente europeu o Grupo Volkswagen entregou 3,07 milhões de veículos, 3,5% a mais que nos mesmos meses de 2014. Na Europa Ocidental (exceto Alemanha) foram 2,6

milhões, acréscimo de 6,1%. No mercado alemão, a venda de 971,2 mil unidades resultou em alta de 4,6% sobre o mesmo período de 2014.

Nas regiões Central e Oriental da Europa o grupo entregou 451,6 mil veículos, 9,6% a menos que nos mesmos nove meses de 2014. A retração foi puxada pela persistência dos maus resultados na Rússia, onde a entrega de 127,3 mil unidades levou a uma queda de 37,6% neste país no confronto com os mesmos nove meses do ano passado.

O grupo cresceu na América do Norte, onde registrou 693,1 mil veículos e alta de 5,8%. Os Estados Unidos anotaram 453,5 mil unidades, com acréscimo de 3,2%.

DESEMPENHO POR MARCA

No acumulado de janeiro a setembro a marca Volkswagen entregou 4,35 milhões de unidades, recuando 4,7% ante os mesmos nove meses de 2014. Com 1,35 milhão de veículos, a Audi cresceu 3,8% no período.

A fabricante tcheca Skoda somou 791,5 mil unidades e cresceu 2,2%. A espanhola Seat também encontrou espaço para ampliar suas vendas. Entregou 308,4 mil veículos, 4,9% a mais que nos mesmos nove meses de 2014.

A Porsche continua embalada pelo sucesso do Macan e as entregas da empresa somaram 173,1 mil veículos, acréscimo de 27,6%. A divisão VW de veículos comerciais totalizou 321,3 mil unidades, 1,1% abaixo do resultado entre janeiro e setembro de 2014.

As entregas da MAN recuaram 13,1% com a venda de 74,4 mil veículos e as da Scania diminuíram 2,2% com a entrega de 54,9 mil unidades.

Consórcios Randon crescem 16% até setembro

20/10/2015 – Fonte: Automotive Business



O Consórcio Nacional Randon registrou a venda de R\$ 400 milhões em novas cotas de consórcio entre janeiro e setembro, aumento de 16% sobre iguais meses do ano passado, confirmando o bom momento desta modalidade.

Dados da Abac, Associação Brasileira das Administradoras de Consórcios, mostram que embora o volume de vendas de veículos comerciais tenha caído exponencialmente ao longo do ano, as vendas de cotas para pesados cresceram 9,4% no mesmo acumulado.

“Nesse momento de crise em vários setores da economia o consumidor tem optado pelo consórcio por ser um sistema de compra planejada, com custos mais baixos e por possibilitar um planejamento financeiro maior frente a outras modalidades de investimento”.

"Isso é o que dá confiança para o brasileiro realizar o sonho de consumo tão aguardado", destaca o gerente comercial da Randon Consórcios, Claudio Bassani.

Produção de minério de ferro da Vale cresce 2,9% no 3º tri e atinge recorde

20/10/2015 – Fonte: R7

A produção de minério de ferro da brasileira Vale teve a melhor performance de sua história no terceiro trimestre, apesar de a companhia paralisar a extração em minas menos eficientes, em meio aos baixos preços da commodity devido ao excedente global.

A maior produtora global de minério produziu entre julho e setembro um recorde trimestral de 88,225 milhões de toneladas, alta de 2,9 por cento ante o mesmo período de 2014, informou a mineradora nesta segunda-feira em seu relatório de produção.

Os volumes excluem a produção atribuível à Samarco, joint venture da Vale com a BHP Billiton, além do minério adquirido de terceiros. Na próxima quinta-feira, a companhia publicará o seu balanço financeiro do terceiro trimestre.

A Vale, maior produtora global de minério de ferro, tem seguido a mesma estratégia das suas grandes rivais australianas Rio Tinto e BHP Billiton, ao manter forte produção para defender participação de mercado, em meio aos baixos preços internacionais do minério de ferro.

Em relatório para clientes, o BTG Pactual afirmou que o crescimento da produção de minério de "apenas" 3 por cento na comparação anual ainda não é suficiente para compensar um ambiente de preços "substancialmente" mais fracos.

O banco disse que o montante de minério produzido no trimestre foi "decente" e que permanece cauteloso diante do cenário internacional.

"A vida após a China pode ser mais dolorosa e tememos que o pior ainda esteja por vir", afirmaram os analistas Leonardo Correa e Caio Ribeiro, em relatório.

O minério de ferro para entrega imediata no porto chinês de Tianjin opera por volta de 52 dólares a tonelada atualmente, ante máximas próximas de 200 dólares há quatro anos.

A Vale explicou que operações menos eficientes foram desligadas no terceiro trimestre, como parte de sua estratégia de redução de custos, totalizando o encerramento de uma capacidade anualizada de 13 milhões de toneladas.

Dentre as plantas de beneficiamento que foram paralisadas estão Feijão, Jangada, Pico, Fábrica e Brucutu, em Minas Gerais.

"No entanto, os ganhos de produtividade em outras operações parcialmente compensaram a paralisação da produção nas plantas de beneficiamento. Também houve redução na compra de minério de terceiros no terceiro trimestre", afirmou a Vale no boletim.

A produção de Carajás, principal mina da Vale, no Pará, atingiu 33,9 milhões de toneladas no terceiro trimestre, a maior para um terceiro trimestre, principalmente devido ao crescimento da produção das minas de N4WS e N5S e à melhor utilização da capacidade da Planta 2.

No acumulado do ano até setembro, a Vale produziu recorde de 248 milhões de toneladas, alta de 5 por cento em relação ao mesmo período do ano passado.

A meta da Vale é produzir 340 milhões de toneladas neste ano, segundo declarações anteriores da companhia. Entretanto, no relatório de produção a empresa não fez menção a esse volume.

As ações PN da mineradora apresentavam queda de 1,78 por cento na Bovespa, para 14,92 reais, às 12h30.

NÍQUEL

A Vale, que também está entre as maiores produtoras de níquel do mundo, atingiu extração de 71,6 mil toneladas da commodity no terceiro trimestre, queda de 0,7 por cento ante um ano antes, segundo relatório de produção da companhia.

A corretora Cowen & Company afirmou em relatório que o número veio abaixo da sua expectativa que era de 75 mil toneladas no trimestre.

A mineradora ressaltou que houve um aumento de 6,7 por cento na comparação com o trimestre anterior, como resultado da maior produção em Sudbury, Indonésia e Nova Caledônia após paradas de manutenção no segundo trimestre.

Produção brasileira de aço bruto cai 13% em setembro, diz IABr

20/10/2015 – Fonte: R7

A produção brasileira de aço bruto somou 2,5 milhões de toneladas em setembro, queda de 13 por cento sobre o mesmo mês do ano passado, informou nesta segunda-feira o Instituto Aço Brasil (IABr), acumulando no ano 25,25 milhões de toneladas, 1,2 por cento ano a menos do que em igual período de 2014.

Na comparação com agosto passado, a produção foi 11 por cento menor, informou o instituto que representa as siderúrgicas do país.

Em meados de julho, o IABr havia estimado queda de 3,4 por cento na produção brasileira de aço bruto em 2015, a 32,75 milhões de toneladas.

As vendas no mercado interno em setembro somaram 1,48 milhão de toneladas, recuo de 20,7 por cento na comparação anual.

Os produtos laminados planos tiveram queda de 22,2 por cento nas vendas, enquanto os laminados longos recuaram 18,5 por cento, acompanhando o momento de baixa atividade da construção civil.

No acumulado do ano, as vendas de aço no Brasil registram queda de 14,3 por cento sobre igual período de 2014, a 14,23 milhões de toneladas.

O setor teve alta de 34 por cento nas exportações no mês passado sobre um ano antes, a 1,55 milhão de toneladas, impulsionado por alta de 74 por cento nas exportações de planos, que atingiram 414,4 mil toneladas.

Em valores, porém, houve queda de 4,7 por cento nas exportações em setembro na comparação anual.

Já as importações caíram 40,3 por cento em volume, somando 224,3 mil toneladas em setembro na comparação anual.

Cobre recua em Londres e NY, novamente pressionado por temores com China

20/10/2015 – Fonte: Isto É Dinheiro

Os futuros de cobre operam em baixa em Londres e Nova York, novamente pressionados por preocupações com a desaceleração da economia da China, o maior consumidor mundial de metais básicos.

Ontem, a China divulgou que seu Produto Interno Bruto (PIB) teve expansão anual de 6,9% no terceiro trimestre, ficando abaixo de 7% - meta do governo para este ano - pela primeira vez desde 2009.

Ainda que o PIB tenha vindo ligeiramente acima das expectativas, de aumento de 6,8%, os últimos números de produção industrial e de investimentos em ativos fixos do gigante asiático decepcionaram.

"Claramente, os dados chineses fracos de ontem ainda estão tendo efeitos colaterais", comentaram analistas do Commerzbank, em nota a clientes. "Eles ampliam receios de que a demanda por metais está caindo no que é, de longe, o país consumidor mais importante."

Por volta das 8h35 (de Brasília), o cobre para três meses negociado na London Metal Exchange (LME) caía 0,5%, a US\$ 5.188,50 por tonelada. Na Comex, a divisão de metais da bolsa mercantil de Nova York (Nymex), o cobre para dezembro tinha queda de 0,23%, a US\$ 2,3620 por libra-peso, às 9h11 (de Brasília).

A China responde por quase 45% da demanda mundial por cobre. Temores gerados pela economia chinesa têm pesado no metal nos últimos meses.

Entre outros metais na LME, a tendência negativa era generalizada: o alumínio para três meses recuava 0,6%, para a mínima em um mês de US\$ 1.537,50 por tonelada, enquanto o zinco perdia 1,1%, a US\$ 1.770,00 por tonelada, o níquel cedia 0,4%, a US\$ 10.330,00 por tonelada, o chumbo registrava baixa 0,6%, a US\$ 1.779,00 por tonelada, e o estanho caía 0,3%, a US\$ 15.985,00 por tonelada.

Nesta manhã, os investidores dos mercados de metais vão acompanhar dados sobre construções de moradias iniciadas nos EUA, previstos para as 10h30 (de Brasília).

Exportações têm média diária de US\$ 733,0 milhões na 3ª semana de outubro

20/10/2015 – Fonte: Isto É Dinheiro

As exportações brasileiras registraram média diária de US\$ 733,0 milhões na 3ª semana de outubro (12 a 18), uma queda de 8,2% na comparação com a média registrada nas duas primeiras semanas (US\$ 798,4 milhões).

Já o fluxo de importação teve crescimento de 22,1% na média diária, registrando US\$ 795,6 milhões na terceira semana, contra US\$ 651,6 milhões nas duas primeiras. Os números foram divulgados nesta segunda-feira, 19, pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

De acordo com o MDIC, a queda nas exportações foi registrada nas três categorias de produtos. Os básicos tiveram queda de 12,8%, de US\$ 383,1 milhões para US\$ 334,2 milhões, motivada por uma redução nos embarques de petróleo em bruto, soja em grão e fumo em folhas.

Já os semimanufaturados caíram 5,2% no período, de US\$ 110,2 milhões para US\$ 104,5 milhões, em razão de celulose, semimanufaturados de ferro e aço, couros e peles, ferro-ligas e ouro em forma semimanufaturada.

No caso dos manufaturados, houve retração de 1,6%, de US\$ 287,4 milhões para US\$ 282,9 milhões, motivada, principalmente, por tubos flexíveis de ferro fundido, óxidos e hidróxidos de alumínio, autopeças, aviões, veículos de carga, motores e geradores.

O aumento das importações é explicado, principalmente, pelo aumento nos gastos com combustíveis e lubrificantes, equipamentos mecânicos, aparelhos eletroeletrônicos, químicos orgânicos e inorgânicos, veículos automóveis e partes e adubos e fertilizantes.

Mês

No resultado observado até a terceira semana do mês, as exportações apresentaram retração de 2,8%, comparadas as médias até a 3ª semana deste mês (US\$ 774,6 milhões) com a de outubro de 2014 (US\$ 796,9 milhões).

Já nas importações, a média diária até a 3ª semana deste mês, de US\$ 704 milhões, ficou 17,0% abaixo da média de outubro de 2014 (US\$ 848,2 milhões).

Produção de aço do Japão cai pelo 13o mês consecutivo

20/10/2015 – Fonte: Reuters

A produção de aço do Japão caiu 7,3 por cento em setembro sobre um ano antes, para 8,57 milhões de toneladas, no 13o recuo consecutivo e no nível mais baixo para o mês em seis anos, pressionada por demanda fraca e estoques elevados.

A produção japonesa de aço tem exibido tendência de queda desde o ano passado, diante de fraco consumo de veículos e moradias depois de um aumento tributário em abril de 2014 que causou elevação de estoques de produtos siderúrgicos.

No acumulado de abril a setembro, a produção de aço bruto do Japão caiu 6,3 por cento, para 52,07 milhões de toneladas, também o menor nível para o período em seis anos.

O Ministério da Indústria do Japão prevê que a produção de aço do país vai cair 3,7 por cento entre outubro e dezembro sobre o mesmo trimestre do ano passado.

Refletindo a demanda fraca, a Tokyo Steel Manufacturing, uma das principais produtoras de aço do Japão, cortou sua previsão de produção para o período entre outubro e março.

"Por trás da revisão está também a queda dos preços nos mercados internacionais por causa da agressiva campanha de exportação da China, que torna difícil para nós exportar", disse Nobuaki Nara, diretor de assuntos gerais da Tokyo Steel, a jornalistas.

Leilão de linhas de transmissão de energia é adiado para 18/11, diz Aneel

20/10/2015 – Fonte: Reuters

O próximo leilão que oferecerá ao mercado concessões para a construção e futura operação de linhas e subestações de transmissão de energia foi adiado para 18 de novembro, informou nesta segunda-feira a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). O certame, que antes estava agendado para 6 de novembro, pretende contratar cerca de 4,6 mil quilômetros em linhas, divididas em 12 lotes, que deverão demandar investimentos de cerca de 7,5 bilhões de reais para serem implementados.

As instalações deverão entrar em operação dentro de 36 a 60 meses após a assinatura dos contratos. Vencem o certame as empresas que apresentarem a menor proposta de receita anual para construir e operar os empreendimentos, a partir de uma receita teto definida pela Aneel para cada lote.

MPEs e MEIs representam 63% dos clientes de escritórios contábeis no Brasil

20/10/2015 – Fonte: Contábeis Notícias

Os pequenos negócios correspondem a 20% do PIB do Brasil, o que demonstra a importância do segmento para a economia nacional. A relevância das micro e pequenas empresas (MPES) e dos microempreendedores individuais (MEIS) pode ser demonstrada, por exemplo, por sua participação como clientes em escritórios contábeis, que a nível nacional chega a 63%.

Os dados são da Federação Nacional das Empresas de Serviços Contábeis e das Empresas de Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas (Fenacon).

O potencial econômico das MPEs e dos MEIs promove uma necessidade de assessoramento, viabilizado justamente pela gestão contábil por escritórios especializados nesse nicho.

Segundo estudo da federação, os serviços oferecidos incluem análise de resultados, apoio gerencial, apoio na informatização e sistemas, balancetes com indicadores gerenciais, orientação para participação em licitações públicas, orientação para acesso a linhas de crédito, interferência em relações societárias, equalização de passivos e apoio em saúde ocupacional.

A interação entre as organizações funciona como um meio de fortalecê-las e torná-las competitivas no mercado, conforme aponta o presidente da Fenacon, Mario Berti.

- O pequeno negócio precisa de um bom gerenciamento contábil. Dessa maneira, é possível obter sucesso mesmo com os entraves burocráticos e as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores no país - avalia.

Honda faz recall para moto GL 1800 Gold Wing

20/10/2015 – Fonte: Automotive Business

A Honda está fazendo um recall para as motos GL 1800 Gold Wing fabricadas entre os anos de 2006 a 2015.

A empresa percebeu a possibilidade de ocorrer a obstrução da passagem do fluido de freio, o que faz o sistema ficar parcialmente acionado, causando resistência ao movimento da roda e superaquecimento, com risco de incêndio, de danos materiais e lesões graves a piloto, garupa e terceiros.

A correção será feita pela substituição do cilindro mestre traseiro e do cilindro mestre secundário. O procedimento é gratuito. A Honda sugere aos proprietários que acessem honda.com.br/recall/motos ou entrem em contato com a central de atendimento pelo 0800 701 3432 (de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas) antes de procurar uma concessionária.

As motos com ano modelo entre 2006 e 2009 têm chassis entre 6A500003 e 9A800092. Aquelas com ano-modelo de 2010 a 2015 têm numeração de AA900001 a FK300050.

'Acabaram as soluções fáceis para a economia', diz Zylberstajn

20/10/2015 – Fonte: O Estado de S. Paulo

Equipe de pesquisadores da Fipe lança hoje um blog para debater questões brasileiras a partir do ponto de vista de economistas; para Zylberstajn, Brasil precisa de várias reformas e não tem condição política de fazê-las

Regulamentada há duas semanas, a lei da meia-entrada é um dos exemplos que o pesquisador Eduardo Zylberstajn, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), usa para destacar as ineficiências que brecam o crescimento do País. “O Brasil é pouco produtivo e isso está ligado à ampla edição de normas, leis e decretos.”

Engenheiro pela Universidade de São Paulo (USP), com mestrado e doutorado em Economia pela Fundação Getulio Vargas (FGV), Zylberstajn está mais otimista com o desdobramento da crise do que a maioria dos estudiosos, mas alerta: “As soluções fáceis para tirar o País da crise já acabaram”.

Zylberstajn e sua equipe de pesquisadores da Fipe lançam hoje um blog no estadão.com.br para debater questões brasileiras, a partir do ponto de vista de economistas. Leia abaixo os principais trechos da entrevista.

Por que o sr. diz que a crise tem a ver com as ineficiências e particularidades do Brasil?

Não há muitas dúvidas de que o Brasil é um País pouco produtivo e isso está ligado à ampla edição de normas, leis e decretos. A gente fala muito do Executivo, mas isso também está presente na Justiça.

O sr. pode dar um exemplo?

Hoje, a gente sabe que os distratos – desistência de compra de imóvel adquiridos na planta – estão em alta. Se o comprador entra na Justiça, ele provavelmente consegue receber um reembolso mais favorável do que o encontrado no contrato.

Qual é o problema? Primeiro, mostra insegurança jurídica. Segundo, se isso acontece em massa, mostra para os incorporadores que eles têm um risco maior do que o imaginado. Ou isso inibe investimentos – há menos imóveis disponíveis – ou o incorporador vai exigir um preço maior. A sociedade como um todo vai pagar.

Às vezes essas ineficiências não são percebidas...

Um ótimo exemplo é a regulamentação da lei da meia-entrada. Ela poderia também chamar a lei da dupla entrada. Não é exatamente assim, mas se alguém está pagando menos, outra pessoa está pagando mais.

E isso se aplica em outras situações. Muitas vezes os políticos agem por ingenuidade e outras vezes porque eles têm de ceder à pressão de grupos que são minorias. Quando o custo está difuso na sociedade e você tem um grupo bem estruturado, muitas vezes você consegue impor a sua pretensão às custas do resto da sociedade.

Como evitar essas armadilhas?

Acho que é preciso fazer as perguntas certas. Um economista bem treinado não pode nunca deixar de perguntar o que teria acontecido em vez de olhar para o que aconteceu. E por mais que pareça uma sutileza, ela faz toda a diferença.

A desigualdade de renda caiu muito no Brasil na última década. Será que isso foi fruto de alguma política? Se não tivéssemos tido o Bolsa Família ou a valorização do salário mínimo será que isso teria acontecido?

Não dava pra ter caído mais a desigualdade? Será que nós não poderíamos ter crescido mais na última década se tivéssemos um mercado de trabalho mais dinâmico e moderno ou uma Previdência mais estruturada? Eu tendo a achar que sim.

O sr. acha que quebrar essa onda de expectativas ruins é uma saída para a crise?

A noção que se tem hoje é que o Brasil precisa seguramente de várias reformas e não tem a menor condição política de fazer isso.

A grande pergunta é se esse impasse vai durar tempo suficiente para tornar a nossa situação fiscal perigosa.

Eventualmente se resolvendo, e acho que vai se resolver, cria-se o ambiente para as medidas que vão ser tomadas. As soluções fáceis já foram tomadas e surtiram efeito só por um tempo. Na última década, o governo desonerou a folha de pagamento, reduziu os juros e nada disso resolveu os problemas do setor produtivo.

O que o sr. acha da volta da CPMF?

O ministro (Joaquim) Levy disse que é um imposto pequeno, dois milésimos, e que ninguém sente isso. É claro que ele usou um jogo de palavras, ele sabe que não é verdade.

Porque se a previsão é arrecadar um valor elevado, não dá pra dizer que a sociedade não sente. É um imposto em cascata que gera informalidade. A CPMF em si é um imposto muito ruim, tem impostos melhores do ponto de vista de eficiência e até justiça social. Se você já tem um Estado que se apodera de cerca de 40% da produção nacional, não dá pra acreditar que não tem onde cortar.

É o momento de mudar a Previdência e fazer outras reformas?

É o papel da crise. E por isso acho que se a coisa não degradingolar, e eu sou otimista quanto a isso, estamos numa situação que não há escapatória. Está mais claro que a situação da Previdência precisa ser atacada.

Fiz um estudo em 2005 e desde aquela época era claro que a Previdência era um problema. Naquele momento, não estava claro que estávamos vivendo um período de boom e a arrecadação ia aumentar de forma significativa. Isso disfarçou o problema durante uma década.

A reforma previdenciária só vai trazer benefícios efetivos no longo prazo, mas só de resolver esse problema já seria um sinal claro que a questão fiscal do Brasil foi atacada.

Nova linha entra em operação em 2016

20/10/2015 – Fonte: Diário do Comércio

No primeiro trimestre de 2016, deverá entrar em operação a nova linha de aços elétricos do tipo HGO da Aperam South America, situada em Timóteo (Vale do Aço), utilizados principalmente na produção de transformadores.

O equipamento inovador conta com investimentos de US\$ 17 milhões.

"Trata-se de um aço de maior permeabilidade, com melhor eficiência energética", afirma o presidente da empresa, Frederico Ayres Lima.

Segundo ele, o projeto está alinhado com a tendência de maior demanda por produtos inovadores, mais eficientes e com menor consumo de energia. O novo equipamento poderá produzir 60 mil toneladas anuais de aços elétricos.

Por outro lado, para o próximo ano, a expectativa em relação aos resultados ainda é cautelosa. A retomada, conforme Lima, deverá ser demorada e a pressão cada vez maior. "Não vai ser fácil e a crise não mostra nenhum sinal de arrefecimento.

Os efeitos de uma demanda doméstica maior devem permanecer reduzidos, o que significa mais perdas de competitividade da indústria nacional. No entanto, acreditamos em boas possibilidades a médio e longo prazos", completa o executivo.

Conexão China/Brasil é a maior ameaça global, diz analista

20/10/2015 – Fonte: Exame



"Não mais a fonte de admiração que já foi, Chinzila - a conexão entre China e Brasil - se tornou a ameaça número um para a economia global". É assim que começa um [artigo publicado ontem](#) no jornal britânico [Financial Times](#) por Gene Frieda, estrategista global da Moore Europe Capital Management.

Ele diz que a desaceleração chinesa e seu efeito sobre os preços de commodities já vem pelo menos desde 2012 e não são nada triviais, considerando o peso chinês na economia global. O problema é que a resposta confusa diante da queda da bolsa chinesa e a decisão de depreciar o yuan mostraram que os oficiais chineses não tem tanta margem para reagir, e que fissuras correm o risco de virar riscos sistêmicos.

A China anunciou ontem um crescimento de 6,9% no 3º trimestre, o pior desde a crise financeira de 2009. A meta para o ano é de 7%, que seria o mais baixo resultado em 25 anos.

As próprias estatísticas são frequentemente questionadas, e ninguém conhece direito o perfil da dívida chinesa - que explodiu de 120% para 282% do PIB entre 2000 e 2014, segundo números de BlackRock com a Mckinsey.

O risco é que diante disso e para evitar fuga de recursos, a China se veja tentada a inflar o próprio mercado de títulos e a desvalorizar ainda mais sua moeda, o que só exportaria deflação para o resto do mundo.

Conexão Brasil

E o "Brasil, maior beneficiário da ascensão chinesa, foi o que mais sofreu com seu enfraquecimento subsequente. Com um impasse político adiando qualquer redução significativa do déficit, o Brasil vê sua dinâmica de dívida em uma trajetória explosiva".

A China é a maior parceira comercial do Brasil e a fatia das nossas exportações que vão para lá cresceu de 6,8% em 2007 para 19% em 2013.

Mas o risco não é pela via comercial e sim das contas externas. O Brasil também teve seu boom de crédito doméstico na década passada e a opção de um ajuste gradual foi se perdendo diante do tamanho das dificuldades.

Gene diz que para a China, a melhor opção é estímulo fiscal para o consumo sem hesitar nas reformas estruturais. Para nós, deixar acontecer um ajuste duro de aperto monetário e moeda desvalorizada que pelo menos limite o déficit em conta corrente e o risco externo.

Percepção de empresários sobre estoques melhora em outubro

20/10/2015 – Fonte: Exame



A percepção dos empresários da Região Metropolitana de São Paulo em relação aos estoques teve uma leve melhora em outubro, mostra pesquisa da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP).

O Índice de Estoques (IE), calculado pela entidade, atingiu 91,9 pontos, alta de 1% ante o resultado de setembro (91 pontos) e recuo de 16,1% em relação a outubro do ano passado (109,5 pontos).

O movimento foi puxado pelo aumento do percentual de comerciantes que consideram o volume de mercadorias estocadas como adequado, de 45,3% em setembro para 45,8% em outubro.

Por sua vez, 37,8% dos empresários ouvidos pela FecomercioSP consideraram seus estoques acima do adequado. Em setembro, essa percepção abrangia 38,7% dos entrevistados.

Para Fábio Pina, assessor econômico da FecomercioSP, o dado é reflexo de um ajuste comum nesta época do ano. "Apesar de o Natal provavelmente ser pior do que o do ano passado, o momento é propício para adequação dos estoques", disse.

Apesar da alta, Pina recomenda cautela em relação à análise do IE de outubro, uma vez que o dado representa o segundo pior resultado da série histórica, iniciada em 2011.

"É claro que precisamos de mais evidências, mas o dado de outubro talvez marque um ponto de fundo de poço. Ainda assim, é difícil imaginar quando o consumidor vai recuperar sua confiança", afirmou. "Não esperamos uma recuperação do consumo e do emprego este ano e, muito provavelmente, nem na primeira metade de 2016."

A pesquisa também mostra um leve aumento do percentual de empresários com estoque abaixo do adequado, de 14,8% em agosto, 15,6% em setembro e 16% em outubro.

"Essa oscilação ocorre por causa da redução de sortimento de produtos, especialmente nos setores de supermercados e vestuário", afirmou Pina.

Metodologia

O IE é apurado mensalmente pela FecomercioSP por meio da entrevista com cerca de 600 empresários do comércio e varia de 0 (inadequação total) a 200 pontos (adequação total), sendo a marca dos 100 pontos o limite entre inadequação e adequação.

Pela análise dos números, é possível identificar se os empresários estão com sensação de estoques "acima", ou seja, com excesso de mercadorias, ou "abaixo", isto é, com falta de itens disponíveis para suprir a demanda em curto prazo.

Governo tenta saída para destravar mineração

20/10/2015 – Fonte: O Estado de S. Paulo

Sem perspectivas de ver aprovado no curto prazo o novo marco regulatório da mineração, o governo tem procurado alternativas para estimular a exploração mineral no País. Uma dessas medidas foi tomada no início do mês pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), órgão do Ministério de Minas e Energia responsável pelo setor.

Por meio de um memorando, o governo alterou as normas para emissão das chamadas "guias de utilização", um documento que permite aos mineradores explorar suas jazidas ainda durante a fase de pesquisa do solo, ou seja, antes de terem nas mãos a efetiva portaria de lavra emitida pelo órgão.

Com as mudanças, as guias de utilização, que até então podiam ser solicitadas para atender a "políticas públicas", ganharam agora argumentos mais objetivos. O documento poderá ser solicitado, por exemplo, por empresas que queiram extrair areia e brita, insumos básicos da construção civil.

Ficou decidido também que as guias poderão ser solicitadas por micro e pequenas empresas que atuem em "áreas em situação de formalização da atividade", um sinal claro para atrair empresas para a exploração legal de minérios, o que significa aumento de arrecadação pelo DNPM.

Os pedidos também poderão ser feitos por empresas que explorem minerais que tenham peso na balança comercial.

Apesar de as guias de utilização serem encaradas como um documento de "caráter excepcional" pelo DNPM, para muitas empresas que conseguiram a autorização trata-se de atalho fundamental para viabilizar a exploração.

"Em muitos casos, ela é essencial, como forma de fazer caixa para a pesquisa ou para testar a viabilidade daquele produto mineral no mercado consumidor", diz Bruno Feigelson, sócio do LL Advogados e professor de direito minerário.

Como há situações em que a pesquisa pode levar anos, a possibilidade de antecipar a exploração comercial agrada às empresas, diz Feigelson, embora ele admita a possibilidade de mineradoras se apoiarem permanentemente na renovação dessas guias e seguirem com a exploração até exaurir seus projetos minerários, sem ter nem pedido portaria de lavra para tanto.

"Seja como for, essas novas regras demonstram uma tentativa de criar condições de retomada do setor, depois da moratória que vivemos em 2011 e 2012", diz Feigelson. "É

uma sinalização de que as coisas têm de andar, uma tentativa de colocar um balão de oxigênio em um paciente que está na UTI."

Guias

As estatísticas do DNPM apontam que, até 2009, o órgão vinha emitindo uma média de 400 guias por ano. Desde então, o volume só cresceu e chegou a 1.083 autorizações liberadas no ano passado.

Até setembro deste ano, 622 guias já tinham sido publicadas.

"Por conta da demora na votação do código de mineração, esse recurso já havia sido reformado, mas o termo políticas públicas era muito amplo e gerava dificuldades para enquadramento. Com as novas regras, a tendência é de que essa procura cresça", comenta Feigelson.

O novo marco regulatório da mineração está parado no Congresso desde junho de 2013, com a promessa de rever regras que estão em vigor desde 1967, quando o último código foi feito pelo governo militar.

Auto Sueco vende 2,9 mil contratos de manutenção em São Paulo

20/10/2015 – Fonte: Automotive Business

A Auto Sueco São Paulo, grupo de concessionárias exclusivas dos caminhões e ônibus Volvo, alcançou o volume de 2,9 mil planos de manutenção vendidos pela rede desde 2010, quando começou a oferecer os serviços, dos quais pouco mais de 1,5 mil são do Plano Ouro, o mais completo e com preço mais elevado do programa, dedicado exclusivamente à manutenção preventiva. Os demais planos são Azul e Prata, com diferentes opções de serviços.

No último ano, a empresa contabilizou aumento de 21% no número de adesões de clientes com relação ao ano anterior nas nove casas que mantêm no Estado.

"Os programas de manutenção auxiliam no acompanhamento das manutenções preventivas e corretivas e é a opção mais completa para garantir o máximo de desempenho dos caminhões, de modo a oferecer uma economia de até 17% dependendo da operação realizada", afirma o diretor de pós-venda Augusto Ramos.

O Plano Ouro prevê reparos no trem de força, freios e suspensão, mão de obra exclusiva e controle de fluxo de caixa, que permite saber no momento da adesão o valor a ser pago em manutenções corretivas e preventivas completas, que incluem troca de óleos, filtros e mão de obra.

O pacote inclui também certificado de manutenção, treinamento de motoristas, cobertura nacional sem análise de crédito e consultores técnicos responsáveis pelo atendimento na concessionária além de acompanhamentos em reparos especiais com histórico de trocas corretivas.

"Ele também ajuda a administrar as revisões por meio do VOSP (serviço planejado Volvo), uma ação simples de programar a manutenção para reduzir riscos de paradas não planejadas dos veículos", acrescenta Ramos.

Já o plano Azul contempla manutenção preventiva com troca de óleos, filtros e mão de obra, enquanto o Prata inclui as opções do Azul e acrescenta manutenção corretiva apenas no trem de força.

Rio tinto embarca mais minério de ferro apesar de riscos

20/10/2015 – Fonte: Exame

A mineradora Rio Tinto registrou um aumento de 17 por cento nos embarques de minério de ferro no terceiro trimestre e disse que está no caminho de cumprir a meta de 340 milhões de toneladas para o ano, minimizando riscos de um crescimento econômico mais lento na China.

Em um sinal de que condições de mercado poderiam estar melhorando, a mineradora usou estoques 4 milhões de toneladas a partir de suas operações na Austrália e 1 milhão de toneladas na unidade canadense, após a produção ter ficado aquém dos embarques.

A Rio Tinto embarcou 91,3 milhões de toneladas no trimestre, superando a produção de 86,1 milhões de toneladas, mostraram dados divulgados na noite de quinta-feira.

"Claramente, o mercado de minério de ferro está razoavelmente apertado", disse o analista de mineração na Shaw Stockbroking Peter O Connor, em uma nota aos clientes.

Assim, a anglo-australiana Rio Tinto poderia se manter estável no ranking ante a brasileira Vale, ficando à frente da BHP Billiton. A Vale divulga relatório de produção na próxima segunda-feira.

"Empresas como a Rio Tinto estão fazendo um monte de dinheiro com minério de ferro, porque elas podem produzir muito, então esperamos que a produção se mantenha crescente", disse o analista da MineLife Gavin Wendt.

Um excesso mundial de minério e a queda da demanda por aço na China arrastaram os preços do minério de ferro para baixo ante os quase 200 dólares por tonelada de 2011. O preço deverá cair a 50 dólares ao longo dos próximos dois anos, mostrou uma pesquisa da Reuters.

As grandes mineradoras têm conseguido reduzir custos de produção de minério de ferro para cerca de 10-15 dólares por tonelada para enfrentar a deterioração dos preços.

Divisão de níquel teve queda de 0,7%

20/10/2015 – Fonte: Diário do Comércio

A produção de níquel da Vale no terceiro trimestre do ano chegou em 71,6 mil toneladas, queda de 0,7% na relação trimestral. No acumulado do ano a produção foi de 208 mil toneladas, alta de 3,1% em relação ao observado um ano antes.

Já a produção de cobre foi de 99,3 mil toneladas no trimestre passado, recuo de 5,3% ante o visto no terceiro trimestre de 2014. De janeiro a setembro a produção de níquel chegou a 311 mil toneladas, crescimento de 13,5% na relação anual.

De acordo com o relatório de produção da mineradora, a produção das minas de Sudbury alcançou 18,3 mil toneladas no terceiro trimestre, 56,8% acima do trimestre imediatamente anterior. A produção aumentou no intervalo conforme estoques acumulados foram consumidos após um incêndio no quadro de distribuição elétrica das operações de processamento de matte no segundo trimestre deste ano.

Salobo - A produção de cobre contido no concentrado em Salobo somou 40,1 mil toneladas no terceiro trimestre do ano, em consequência do *ramp-up* de Salobo. Segundo a Vale, o aumento de produção foi mais fraco do que o esperado em julho. "Esperamos

que Salobo alcance uma taxa de utilização de 100% da capacidade no quarto trimestre de 2015", diz o relatório.

A produção de potássio no trimestre passado foi de 125 mil toneladas, queda de 10,9% na relação anual. No acumulado do ano a produção chegou em 344 mil toneladas, queda de 0,4%.

Atividade econômica do Brasil afeta produção de aço

20/10/2015 – Fonte: Diário do Comércio

A produção nacional de aço bruto alcançou 25,253 milhões de toneladas no acumulado ano até setembro, 1,2% menos que o volume produzido nos mesmos meses de 2014 (25,555 milhões de toneladas). Nos últimos 12 meses o País produziu 33,594 milhões de toneladas de aço. Os números foram divulgados ontem pelo Instituto Aço Brasil (IABr).

As siderúrgicas instaladas em Minas Gerais produziram 8,021 milhões de toneladas de aço bruto entre janeiro e setembro, o que equivale a 31,7% do total do País para o período. Só a produção de laminados e semiacabados no Estado alcançou 7,414 milhões de toneladas no acumulado do ano até o mês passado.

A produção brasileira de laminados (aços planos e aços longos) atingiu 17,393 milhões de toneladas de janeiro a setembro sobre 18,949 milhões de toneladas ante o mesmo período de 2014, uma retração de 8,2%. O volume de laminados produzido nos últimos 12 meses totalizou 23,359 milhões de toneladas e respondeu por 70% do total de aço produzido no intervalo em todo o Brasil.

Com base nas informações divulgadas pelo IABr, o volume de aços planos, usados pelo setor automotivo e para a produção de eletrodomésticos da linha branca, totalizou 10,197 milhões de toneladas até setembro, volume 4,8% menor do que o do mesmo período do exercício anterior (10,708 milhões de toneladas).

A produção nacional de aços longos também caiu. O volume do insumo, usado majoritariamente pela indústria da construção civil, produzido entre janeiro e setembro somou 7,195 milhões de toneladas, 12,7% de queda em relação às 8,241 milhões de toneladas produzidas no mesmo período de 2014.

Ainda de acordo com os dados do IABr, a produção de semiacabados (placas, blocos e tarugos) somou 6,624 milhões de toneladas de janeiro a setembro, volume 36% maior do que o de igual período do exercício anterior, que somou 4,872 milhões de toneladas.

Já as vendas acumuladas de produtos siderúrgicos ao mercado brasileiro no acumulado até setembro de 2015 somaram 14,2 milhões de toneladas, redução de 14,3% em comparação com o mesmo período de 2014. Ainda segundo o IABr, o consumo aparente nacional de aço chegou a 16,9 milhões de toneladas no acumulado do ano, retração de 14% frente ao mesmos meses de 2014.

Compras externas - No que se refere às importações, o País importou 2,8 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos até setembro, praticamente 12% menos do que nos mesmos meses do ano passado, quando as compras de aço no exterior totalizaram 3,2 milhões de toneladas.

Conforme o IABr, apesar das condições adversas do mercado internacional as exportações de produtos siderúrgicos até setembro de 2015 totalizaram 10 milhões de toneladas, o

que rendeu US\$ 5,2 bilhões de dólares, crescimento de 48,6% em volume e de 6,1% em valor, quando comparados às do mesmo período do ano anterior.

O resultado, segundo o Instituto se deve, principalmente, ao aumento de operações "inter companies", a partir do 2º semestre de 2014, para fornecimento de semiacabados a plantas na Europa e nos Estados Unidos, e, também, devido às ações emergenciais do setor para evitar redução ainda maior do grau de utilização da capacidade instalada.

Para o empresário Abílio Diniz, solução para a crise brasileira é política

20/10/2015 – Fonte: Diário do Comércio

O presidente do Conselho da BRF, Abilio Diniz, disse que antes da crise era sempre chamado para falar de um Brasil que dava certo e que agora é chamado só para falar sobre a crise. Em janeiro, contou, foi convidado para fazer uma palestra em Paris, no mês de julho, sobre a crise e temeu que, quando chegasse o momento, já não mais teria assunto para falar, uma vez que acreditava que tudo já teria se resolvido.

"Mas a crise, que foi classificada por Lula de marolinha, foi brava", disse o executivo durante palestra que fez no "2º Fórum Liberdade e Democracia São Paulo". Contudo, de acordo com Diniz, essa crise não é duradoura e se resolverá assim que for resolvida a crise política. Ele disse evitar arroubos expansionistas, mas que está se preparando para a retomada do crescimento, como em 2008.

Mas ainda dá para falar de um País que tem dado certo, de acordo com Diniz, como o agronegócio, por exemplo. Ele citou o crescimento de 9% da BRF no primeiro trimestre, em plena crise. A BRF hoje é a maior exportadora de frangos do mundo e a segunda maior produtora. Com 14 mil granjas associadas, a BRF abate 7 milhões de aves por dia.

No mesmo evento, o ex-presidente do Banco Central (BC) e presidente da Rio Bravo Investimentos, Gustavo Franco, disse que o capitalismo de Estado adotado na era pós "Lulo-petismo" pelo ex-ministro da Fazenda Guido Mantega é uma política fracassada.

De acordo com Franco, a chamada nova matriz econômica implementada pelo ex-ministro levou a economia ao estado atual de deterioração. "Pedalismo, heterodoxia e tudo que poderíamos inventar fracassaram.

O resultado é esse, a contaminação de um sistema que preza pela liberdade", disse Franco, para quem "o mundo que queremos construir pela economia de mercado é a economia da integridade".

Desarranjos - O Partido dos Trabalhadores (PT), disse Franco, trouxe para o Brasil desarranjos institucionais para promover vantagens indevidas. Ele defendeu a redução do Estado na economia e a privatização de empresas estatais. "Preciso perder os pudores com a privatização". Franco disse ainda que a privatização não é mais uma questão ideológica de gestão pública versus gestão privada. "Isso já está superado. "Uma questão de preservação de patrimônio".

Apesar da crise, montadora sobe preço

20/10/2015 – Fonte: Exame

Em nove anos, não se via vendas de caminhões tão fracas no país como em 2015. A produção dos veículos de carga, diante do quadro de recessão e falta de confiança das

empresas de transporte em investir na renovação de frota, está caindo ao nível mais baixo num período ainda mais longo: doze anos.

Não há perspectiva de que a situação mude drasticamente no ano que vem, mas, mesmo assim, as maiores montadoras de caminhões do país programam ou já promoveram reajustes de 5% a 8% em suas tabelas de preços.

A exemplo da MAN, que já tinha anunciado aumento de 7,5% a partir janeiro, e da Mercedes-Benz, que subiu os preços em 5% neste mês, a Volvo e a Scania informam que também vão "atualizar" os valores de seus produtos. Na Volvo, o reajuste programado para o primeiro dia de 2016 é de 8%. A Scania, por sua vez, não adianta percentuais, mas diz que vai acompanhar a concorrência.

A indústria de caminhões repete o que as montadoras de automóveis têm feito em periodicidade mais curta para repassar a alta dos custos de produção e, assim, aliviar a pressão sobre as margens de rentabilidade. A despeito da recessão mais severa enfrentada pelo setor em quase duas décadas, o preço do carro zero quilômetro, com exceção de junho, vem mês a mês subindo quase ininterruptamente.

Em relação a dezembro, os brasileiros estão, na média, pagando 5,8% a mais para sair com um automóvel novo da concessionária, conforme variação pinçada da cesta de produtos que compõem o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Alguns modelos mostram altas mais expressivas. Entre os populares, a versão básica do Onix, produzido pela General Motors (GM), ficou R\$ 6,1 mil mais cara, o equivalente a um aumento de 18,8%.

Já quem quiser comprar o HB20, da Hyundai, terá que desembolsar R\$ 3,7 mil a mais, ou um reajuste de quase 10% se comparado ao que se cobrava pelo carro no fim do ano passado.

Nos dois casos, a diferença foi calculada com base em valores divulgados pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), que pesquisa a média dos preços praticados em todo o mercado nacional, já colocando na conta os descontos concedidos pelas revendas se o pagamento for à vista.

Em 12 meses até setembro, o preço médio do carro no Brasil já subiu 6,9% (veja gráfico). O percentual segue abaixo dos 9,5% do IPCA, mas mostra uma convergência com o índice oficial de preços que não se notava quando as montadoras viviam o ciclo de bonança.

Pelo contrário, de 2008 a 2012, último ano de recorde nas vendas, os carros acumularam deflação de 15%, graças, sobretudo, à desoneração do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) que manteve a demanda aquecida em meio à crise internacional.

Entre modelos populares, versão básica do Onix, da GM, ficou R\$ 6,1 mil mais cara, com alta de 18,8%

A partir de 2013, o incentivo começou a ser gradualmente retirado e as montadoras não apenas transferiram essa conta ao consumidor, como também ficaram livres para retirar descontos pactuados com o governo enquanto perdurasse o benefício, retirado definitivamente na virada de 2014 para este ano. Desde então, o preço do carro novo subiu 15,7%, em valores acumulados.

Os fabricantes dizem que o objetivo dos aumentos mais recentes é repassar a escalada dos custos de produção, principalmente depois que a valorização do dólar encareceu as importações de peças.

Roberto Cortes, presidente da MAN, que produz os caminhões da marca Volkswagen no sul do Rio de Janeiro, elenca uma série de aumentos que afetou a margem da montadora: 40% a 50% nos preços de insumos importados; 8% a 9% dos produtos siderúrgicos e 60% na fatura de energia elétrica.

Descontados da conta as matérias-primas ou serviços em que a empresa conseguiu renegociar contratos e, sobretudo, o acordo que reduziu salários dos operários da MAN em 10%, Cortes relata um aumento médio de 15% dos custos fabris da empresa neste ano.

Com o reajuste de 7,5% marcado para 1º de janeiro, o executivo diz que a ideia é passar metade dessa conta aos clientes. "Se o mercado permitir, nossa necessidade é subir 15%", afirma Cortes, ao não descartar outros reajustes durante 2016.

Alto crescimento ocorre entre 1% de empresas do país

20/10/2015 – Fonte: Exame

Estudo da Endeavor, organização global que apoia empreendedores, aponta que 1% das empresas existentes no País são responsáveis por gerar quase 60% dos novos postos de trabalho ao ano. A pesquisa também identificou que 92% dessas empresas são pequenas e médias.

Os dados fazem parte do estudo *Escale-ups no Brasil* que traçou o perfil das empresas de alto crescimento. "A expressão *scale-up* é bastante difundida fora do Brasil. Sua definição foi feita pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)", diz o gerente de pesquisa e mobilização da Endeavor, João Melhado, que liderou o estudo.

Conforme a OCDE, para ser uma empresa de alto crescimento é preciso crescer pelo menos 20% ao ano por três anos consecutivos em número de funcionários ou em faturamento, e ter pelo menos dez funcionários no primeiro ano de atividade.

Melhado diz que por mais que o Brasil tenha apenas 33 mil empresas com esse perfil, elas geram um grande impacto pois, enquanto uma *scale-up* contrata 31,3 funcionários por ano, a média do restante dos negócios é de apenas 0,34 funcionário. "Imagine o impacto que seria gerado na economia se tivéssemos 100 mil empresas de alto crescimento no Brasil."

Segundo ele, o foco da Endeavor sempre esteve voltado às empresas que estão crescendo. "Agora, com esse resultado, teremos mais propriedade para falarmos sobre o assunto e ajudarmos a transformar as empresas para que cada vez mais elas possam crescer."

Para download do estudo acesse o endereço: info.endeavor.org.br/scale-ups ,Rafael Biasotto fundou a Uatt? em 2002

Entre as *scale-ups* nacionais está a Uatt?, fundada por Rafael Biasotto, em 2002. "O negócio começou no fundo do quintal da casa de minha mãe e hoje ocupa um espaço com mais de sete mil m². Entre funcionários diretos e indiretos, empregamos 220 pessoas.

Mas se olharmos para lojistas e seus funcionários, são cerca de seis mil pessoas que dependem da marca.”

A linha de objetos de decoração e de presentes da Uatt? marca presença em dez países e é comercializada em lojas multimarcas, franquias e por distribuidores. “Por muito tempo, crescemos 75% ao ano. Nos últimos anos, temos crescido entre 12% e 20%”, diz Biasotto.

A Tecverde, fundada por três jovens engenheiros em 2009, foi criada com o objetivo de inovar tanto o produto quanto o processo de construção. O negócio que também engrossa a lista de escale-ups começou com seis pessoas e atualmente emprega 100 funcionários.

“Durante a faculdade, nos deparamos com o fato de que os problemas que envolvem a construção civil já existiam há mais de cem anos. Meu pai e o pai de um dos sócios tinham construtora e crescemos no canteiro de obras. Desde cedo vislumbramos os desafios da área como mão de obra, excesso de resíduos, desperdício e uma ineficiência gigantesca”, conta Caio Bonatto.

Eles tinham duas opções: conviver com esses problemas no exercício da profissão ou usá-los como oportunidade de negócio. Escolheram o segundo caminho e criaram uma empresa para tornar o segmento uniformizado e sustentável.

“Hoje, construímos casas em fábrica, da mesma forma que uma montadora monta um carro.”Caio Bonatto, dono da Tecverde

Bonatto conta que as paredes, lajes e coberturas são produzidas de acordo com cada projeto. “Começamos vendendo para o público de alta renda para posicionar a empresa como fornecedora de produto de qualidade. Em seguida, homologamos a tecnologia no Ministério das Cidades e passamos a atuar nos programas do Minha Casa Minha Vida.”

Ele afirma que fornece casas de qualidade para o público de baixa renda com o dobro de conforto térmico e acústico, e em uma velocidade muito maior do que a de uma casa convencional. “Montamos uma casa em três horas”, diz.

O jovem conta que sua primeira indústria tinha capacidade de produzir 12 casas por ano. “Agora, a nova unidade pode construir três mil casas por ano.”

Em relação a sustentabilidade, a Tecverde reduz em 80% as emissões de CO2 e em 85% a geração de resíduos. “Nosso próximo passo em termos de produto é homologar a construção de prédio”, afirma.

Outro negócio que tem tido crescimento exponencial é o Complexo de Ensino Renato Saraiva (CERS), fundado em 2009. Renato Saraiva era membro do Ministério Público e também dava aula em curso preparatório para concurso, até resolver montar o próprio curso.

“Era para ser um curso presencial e via satélite para as faculdades, voltado ao exame da Ordem dos Advogados. Depois de sete meses, resolvi migrar para o online, foi quando o negócio decolou”, conta Saraiva.

O empresário diz que terminou 2009 faturando R\$ 1 milhão e em 2010 o faturamento pulou para R\$ 10 milhões. “Terminamos 2014 com faturamento de R\$ 62 milhões, 180 funcionários e 27 estúdios espalhados pelo Brasil.”

Hoje, a empresa grava cerca de 500 cursos por ano e atende 100 mil alunos. Para cada concurso e a cada prova da OAB, novo conteúdo é criado para que os alunos tenham acesso a questões atualizadas. "Nosso diferencial é oferecer conteúdo de qualidade e atualizado. Temos professores de todo o Brasil. São juízes, procuradores, advogados e professores.

"Estudei políticas públicas e sempre questioneei essa história de o governo querer fazer tudo aqui no Brasil. Ele não tem condições e nem dinheiro para isso. O setor privado está melhor equipado para atuar em áreas como educação e saúde."

Antes de empreender, ele procurou um grande problema brasileiro que estivesse sem resposta há muito tempo. "Resolvi investir na área da saúde por ser uma questão prioritária e afetar muita gente. A decisão veio depois que descobri que 100 milhões de pessoas não têm acesso à saúde no País. Isso foi em 2011. Três meses depois, tinha uma clínica aberta e testei o modelo até chegar a um formato viável que é o adotado hoje."

A primeira unidade do Dr. Consulta começou com cinco pessoas. Um médico e três enfermeiras. Hoje, tem oito clínicas, 200 colaboradores e 300 médicos. Mais quatro unidades serão inauguradas até dezembro na capital paulista. A meta é dobrar o tamanho da rede até o final de 2016.

"Construí o negócio centrado no paciente que não tem plano de saúde. No início, só oferecia consultas. Com o tempo, aumentei as especialidades, introduzi exames de laboratório e de imagens. Em seguida, além de fazer diagnósticos, passei a realizar tratamentos."

Hoje, a rede oferece 35 especialidades, diagnósticos cinco vezes mais rápidos do que o SUS e a remuneração paga aos médicos é maior do que a dos planos de saúde.

Ele ressalta a importância da prevenção e da promoção da saúde. "Se o paciente fica doente é porque o sistema de prevenção falhou. Queremos chegar às pessoas antes que elas fiquem doentes.

Este é o nosso sonho. Só será possível atenuar o problema da saúde no Brasil se houver atenção básica, que é onde atuamos. Nossa proposta é educar e melhorar os hábitos de vida das pessoas."

Ele conta que quem passa pela sua clínica recebe dicas de saúde. "Nosso esforço ainda é tímido mas vamos implantar iniciativas de prevenção. Vamos cadastrar pacientes que serão classificadas conforme o grau de risco e iremos ajudá-los a controlar uma condição ou evitar desenvolver uma doença."

Srougi pretende crescer com clínicas próprias para controlar a qualidade e os processos. Segundo ele, a remuneração dos médicos é baseada em produtividade e qualidade percebida pelo paciente. "Quanto melhor avaliado, melhor é a remuneração. Ao término de cada consulta, o paciente recebe pesquisa de satisfação em seu celular."

Ele conta que fechou parceria com a Beneficência Portuguesa para a realização de cirurgias a partir de novembro. "Os pacientes poderão usufruir da estrutura do quarto maior hospital de São Paulo, por um custo muito baixo e pagamento facilitado."

Produção mundial de alumínio cai em setembro, a 4,78 milhões de toneladas

20/10/2015 – Fonte: R7

A produção mundial de alumínio totalizou 4,78 milhões de toneladas em setembro, representando queda de 80 mil toneladas ante agosto, segundo dados publicados hoje pelo Instituto Internacional de Alumínio (IAI, na sigla em inglês). Em relação a setembro de 2014, houve aumento de 434 mil toneladas no resultado do mês passado.

Apenas na China, a produção de alumínio somou 2,716 milhões de toneladas em setembro, ante 2,734 milhões de toneladas em agosto.

Na América do Sul, a produção caiu de 112 mil toneladas em agosto para 104 mil toneladas em setembro, informou a IAI.

Minério de ferro renova mínima de quase 3 meses no mercado da China

20/10/2015 – Fonte: R7

Os preços do minério de ferro no mercado à vista da China voltaram a recuar nesta terça-feira, renovando mínima de quase três meses.

O minério de ferro com entrega imediata no porto chinês de Tianjin caiu 0,76 por cento nesta terça-feira, para 52,10 dólares por tonelada, o menor valor desde 27 de julho, segundo o The Steel Index.

Foi o sexto dia consecutivo de perdas.

Os preços do minério acumulam queda de quase 27 por cento este ano e caminham para o terceiro ano consecutivo de recuo em meio a um excesso de oferta global e uma desaceleração na indústria de aço da China que forçaram mineradoras a reduzir custos para sobreviver.

O contrato janeiro do vergalhão de aço na bolsa de Xangai caiu 0,8 por cento nesta terça, chegando a tocar a menor cotação desde que foi lançado na bolsa em 2009.